



# Bluménau

*em Cadernos*

Tom o VIII

Nº. 4



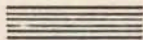
# **ELETRO-AÇO ALTONA<sup>S</sup>/A.**

**Rua Coronel Vidal Ramos, 925 — Telefone, 1338**

**Caixa Postal, 30 - Telegramas: «E L A Ç O»**

## **ITOUPAVA SECA**

**B L U M E N A U - SANTA CATARINA**



**Fundição de Aço — Laminação de Ferro e Aço**

**Fábrica de Máquinas — Fábrica de Ferramentas**

**Forjaria — Fundição Elétrica.**

# BLUMENAU

## em CADERNOS

**TOMO VIII ★ NOVEMBRO 1966 ★ Nº. 4**

### Luz sôbre sombras da nossa história

Em 1851, o Dr. Blumenau, sobrecarregado de dívidas e de preocupações, dirigiu-se ao Rio de Janeiro a fim de conseguir do Govêrno Imperial um empréstimo que possibilitasse o prosseguimento dos trabalhos que começara à margem do «Velha», como início da concretização dos seus grandes projetos de colonização.

Depois de longas e angustiantes demarches, conseguiu o que desejava: um adiantamento de dez contos de réis.

Com êsse dinheiro adquiriu mudas de plantas, um ergenho de açúcar, colmeias de abelhas e muitos outros utensílios e utilidades para a sua Colônia. Embarcou tudo isso num veleiro que se destinava a Santa Catarina. Êle mesmo embarcaria num vapor dias depois.

Aconteceu que o veleiro foi aprisionado, já nas costas catarinenses, por um navio de guerra inglês que o conduziu, com a carga, para Santa Helena.

Isso se verificou em virtude do chamado «Bill Aberdeen», em razão do qual a esquadra inglesa patrulhava os mares e costas do nosso país, fiscalizando a proibição do tráfico de escravos.

Possivelmente, o navio em que o Dr. Blumenau embarcara as suas compras era suspeito de transportar negros cativos. O fato é que o navio foi aprisionado e o Dr. Blumenau perdeu tudo quanto adquirira com tanto sacrifício.

Êsse fato vem narrado em vários documentos deixados pelo fundador da nossa cidade.

Entretanto, dêsses documentos nada consta a respeito do nome do barco apreendido, do seu comandante, da natureza da carga que transportava etc. etc.

E, das pesquisas que havíamos feito nos arquivos do Estado e Nacional nada conseguíramos apurar. Era um ponto obscuro que sempre desejáramos esclarecer.

Há dias, recebemos do Arquivo do Ministério das Relações Ex-

teriores várias publicações e, entre elas, um exemplar dos "Arquivos" do mesmo Ministério em que havia uma relação dos navios que, em virtude do citado «Bill Aberdeen» haviam sido confiscados pelo governo inglês que se permitia até a liberdade de entrar em portos do nosso litoral para ali prender barcos suspeitos de comerciar com escravos.

Naturalmente, a nossa curiosidade aguçou-se e tomamos a liberdade de escrever á exma. Sra. Constança Wright, Chefe do Arquivo do Itamarati, que, gentilmente, não apenas nos prestou as informações de que necessitávamos, como nos mandou cópia dos respectivos documentos. É aqui consignamos o nosso sincero reconhecimento à distinta senhora pelo obséquio que nos prestou.

O veleiro em que o Dr. Blumenau carregara as mercadorias e objetos adquiridos no Rio de Janeiro, foi o Brigue-escuna «Novo Mello», comandado por Antônio Domingues Alves e que deve ter deixado o porto do Rio de Janeiro na segunda quinzena de Julho de 1851. A carga fôra consignada ao comerciante de Destêrro, capital da Província de Santa Catarina, Ulrico Haerberle (antecessor de Fernando Hackradt e de Carlos Hoepcke) e pagara 32 mil réis de frete.

A carga pertencente ao dr. Blumenau era de 11 barris e 6 caixas e 3 garratões. As caixas continham um tacho de ferro, um braço de balança, um rôlo de fôlha de chumbo, 6 feixes de ferro, 2 pesos do mesmo metal, 4 barras inteiras também de ferro, uma caldeira de cobre, 4 barris com plantas, um fardo de algodão, três canudos de estanho e de cobre.

A 3 de outubro dêsse mesmo ano de 1851, ao chegar a Itajaí e ter conhecimento da desgraça que caíra sôbre êle, o Dr. Blumenau escreveu à Legação Real da Prússia, no Rio de Janeiro, denunciando a arbitrariedade do navio inglês, que era a corveta de guerra «Locust» e pedindo a intervenção do governo do rei da Prússia no sentido de obter do governo britânico uma indenização pelos prejuízos sofridos.

A única providência que o governo prussiano tomou, foi a de mandar a dita representação ao governo do Ducado de Brunsvique, do qual o Dr Blumenau era cidadão. O Ducado, por sua vez, nenhuma providência tomou.

O Doutor Blumenau, naquela ocasião, avaliara os prejuizos que sofrera em 3:712\$500 (Cr\$ 3.712).

O navio «Novo Mello» era de propriedade de João da Costa Mello e carregara no Rio de Janeiro, com destino a Santa Catarina, além das mercadorias de propriedade do Dr. Blumenau, grande quantidade de fazendas, fumo, farinha etc.

O navio apresador S. M. B. «Locust» era comandado pelo Capitão R. L. Curtis.

O processo relativo ao aprezamento do «Novo Mello» consta de 151 fôlhas com várias certidões, sentenças etc.

A exma. Sra. Constança Wright nos promete que, tão logo o aparelhamento de microfimes do Arquivo do Itamarati esteja reparado, mandar-nos-á cópias microfilmadas daqueles documentos, quando, então, voltaremos a êste interessante assunto com possíveis novos esclarecimentos.

## FIGURAS DO PASSADO

### FRANCISCO ANTONIO DAS OLIVEIRAS MARGARIDA

Vários foram os próceres políticos blumenauenses que se destacaram com o advento da República. Hercílio Luz, Paula Ramos, Santos Lostada, Elesbão Pinto da Luz e muitos outros desempenharam papel saliente nos acontecimentos de que resultaram a revolução de 1893 e as lamentáveis ocorrências que ensanguentaram o Estado naquele ano.

Francisco Antônio das Oliveiras Margarida também foi desse número. E teve, naqueles acontecimentos e nos que se sucederam na vida político-administrativa de Blumenau, por mais de meio século, uma atuação marcante.

Era natural de Florianópolis, filho de Francisco Margarida, funcionário da Assembléia Provincial. Alí fez os seus estudos primários.

Veio para Blumenau pouco depois da instalação do Município, como funcionário da Agência de Terras e Colonização.

Com a queda do Império, passou a participar, ativamente, ao lado de outros altos funcionários, da vida política municipal. Durante os sangrentos episódios da revolução federalista, esteve ao lado de Hercílio Luz e, com as tropas de patriotas formadas em Blumenau, marchou até a capital do Estado, Desterro, onde participou da deposição do Governador Eliseu Guilherme da Silva.

Terminada a revolução, com a ascensão de Hercílio Luz à chefia administrativa do Estado, foi deputado estadual e Conselheiro Municipal, tendo exercido a presidência da edilidade.

Em 1908 foi nomeado Escrivão de Orfãos e Ausentes da Comarca, cargo que exerceu até fins da década de 20.

Sua atuação, tanto na Assembléia Legislativa, como no Conselho Municipal, foi das mais combativas e mesmo brilhantes.



Durante a guerra de 1914/1918 foi ardoroso nacionalista, tendo fundado, com Ildefonso Teixeira, o jornal «O NACIONAL» que desenvolveu intensa campanha de cunho patriótico. «O Nacional» não durou mais que um ano. Graças à doação feita pelo sr. Ferreira da Silva, o Arquivo Histórico possui a coleção completa desse semanário que foi dos jornais mais discutidos da época.

Margarida era hábil manejador da pena e possuía veia poética. Bom orador, discursava nas recepções e banquetes oferecidos a visitantes importantes.

Em dezembro de 1900, seu filho mais velho, Nemésio, banhando-se no Itajaí Açu, pereceu afogado.

Com isso, Margarida sofreu profundo golpe. De sua dor nasceu um dos seus sonetos que foi publicado no jornal «SUL AMERICANO», de Florianópolis, em março de 1901.

Os versos foram estes:

## A MEU FILHO

Deixei-te vivo, alegre, palpitante,  
Vinha rompendo a meiga madrugada;  
Como um pássaro no bosque, cantante  
Era a tua existência idolatrada.

Quanta mágua e noite mal passada,  
De agonias e dor, febricitante! . . .  
A vida nos parece apunhalada  
Pela sorte cruel, aniquilante!

E como da sorte foi, na inclemência,  
Tão triste a tua morte desastrada  
Nos folguedos gentis da adolescência!

Findaste! É dura, pois, a tua ausência.  
Mais dura ainda e triste, torturada,  
Se torna de teus pais esta existência!

Faleceu em Joinville, para onde se retirara nos últimos anos de sua vida.

Prestando a Francisco Antônio das Oliveiras Margarida esta modesta, porém sincera homenagem, queremos honrar a memória de um cidadão que muitos serviços prestou à nossa Comunidade, fazendo-se credor do nosso respeito e da nossa gratidão.

# A viagem do primeiro Governador Republicano ao norte do Estado

*Carlos da Costa Pereira*

Havendo assumido o govêrno [do Estado a 2 de dezembro de 1889, o 2º Tenente de Engenheiros Lauro Müller resolveu, vinte dias depois, visitar o norte catarinense, a fim de conhecer *de visu* a situação dos municípios dessa região, desfazer “as desconfianças e as dúvidas que ainda pairavam em alguns descrentes” e “firmar a confiança nas atuais instituições e comemorar com êles o advento da República, desviando o seu espírito da política do passado”, segundo dizia a «República», do Destêrro.

A 22 de dezembro, êle deixava a capital no paquete «Destêrro»; acompanhavam-no Severo Francisco Pereira, Fausto Werner e seu oficial de gabinete José Boiteux. No dia seguinte, chegava a São Francisco, sendo recebido pelos “republicanos históricos” e pelos ex-conservadores. O Dr. Luiz Gualberto ofereceu-lhe um “modesto almoço”, a que estiveram presentes figuras representativas de Joinville, de São Bento e da sociedade local. Após o ágape, o ilustre itinerante seguiu para Joinville, no vaporzinho «Dona Francisca», em companhia dos cidadãos João Filgueiras de Camargo, Vitorino de Souza Bacelar, Inácio Bastos, Líbero Guimarães, Alexandre Justino Régis e Reinaldo Machado, que constituíam a comissão do Partido Republicano joinvilense, nomeada para recebê-lo na vizinha cidade.

Lauro Müller chegou a Joinville pelas 3 horas da tarde, hospedando-se na residência do cidadão Ernesto Canac, presidente do Clube Republicano. Ali recebeu muitas visitas, apesar do mau tempo.

A 24, pelas 4,30 da tarde, acompanhado por uma comissão de “republicanos genuínos” e outros cidadãos, o Governador voltou a São Francisco. À sua chegada, já era noite e chovia torrencialmente. Receberam-no o Dr. Luís Gualberto, Isidoro Levecque e outros membros do Clube Republicano. Algumas horas depois, êle e sua comitiva embarcavam no paquete «Laguna», indo amanhecer em Itajaí.

Durante a sua estada na terra natal, visitou as repartições públicas e o Hospital de Santa Beatriz. Da sala dêsse estabelecimento, haviam retirado o retrato do Dr. Francisco José da Rocha, ex-Presidente da Província, em cuja administração fôra construído o mencionado hospital. Sabe-dor dêsse fato, Lauro Müller mandou recolocar o retrato no lugar em que antes se encontrava.

No dia seguinte, embarcava para Blumenau, no «Progresso», ali aportando às 11 horas da noite. Os blumenauenses receberam-no com foguetes, banda de música e muitos *vivas*. O diretório republicano ofereceu-lhe um banquete. A mesa tinha a forma de L e foram levantados muitos brindes à República, a Deodoro e ao Governador do Estado.

De volta, passou, a 29, por Gaspar, onde um grupo de senhoras lhe ofereceu ramos de flôres. À tarde, chegavam a Brusque, sendo homena-

geado com um baile no Clube dos Atiradores. No dia seguinte, visitou a igreja, as escolas, a coletoria, a Câmara Municipal, etc., e foi lhe oferecido um almoço servido por senhoras da sociedade brusquense, gesto que muito sensibilizou os visitantes.

A uma hora da tarde, o Governador descia de carro para Itajaí, onde chegou ao anoitecer, e na manhã de 31 seguia para Camboriú, acompanhado por membros do diretório republicano da mesma vila, achando-se à frente "o denodado chefe Manoel Anastácio Pereira". Passando por Garcia, ali jantaram, sendo levantados muitos *vivas*, entre outros, "ao cidadão Manoel Correia de Freitas, o denodado propagandista da idéia republicana e fundador do Clube Republicano de Camboriú".

À tarde, o Governador e sua comitiva tomavam, na barra do rio Camboriú, o rebocador «Lomba» e rumavam para a capital, onde chegaram a uma hora da madrugada.

---

---

## CULTURA DA CANA

---

---

A cultura da cana na Bacia do Itajaí Açu data do início da colonização. Em Blumenau, os primeiros colonos dedicavam-se a essa cultura, obtendo mudas dos imigrantes que aqui já encontraram radicados, vindos de São Pedro de Alcântara, como Pedro Wagner, Pedro Lucas, Deschamps, Schramm e outros. Estes já possuíam engenhos de açúcar e cachaça. Para os lados de Poço Grande, Pocinho, Barra do Luiz Alves, etc., onde a cultura da cana hoje é muito grande, também ela data de época anterior à fundação de Blumenau.

Mas, o que é certo é que nem sempre a espécie de cana plantada foi a que atualmente é cultivada em grande escala e pela maioria dos agricultores da região. Parece que, anteriormente a 1880, a variedade mais usada era a chamada "Cana Cayenne", ou caiana, como era conhecida. Mas essa variedade era muito sujeita a doenças e o seu rendimento deixava muito a desejar.

A atual variedade mais usada é a chamada "cana-pau" e esta foi aqui introduzida pelo Dr. Blumenau, como se pode verificar de uma comunicação feita em 1881 em reunião da "Cultur-Verein". Essa comunicação foi feita pelo agricultor Augusto Blomeyer e diz o seguinte: "O sr. Bernardo Haendschen, de Poço Grande, recebeu no ano de 1881, assim como vários outros colonos, do Dr. Blumenau, cêrca de 13 qualidades de cana que êle recebera do Jardim Botânico do Rio de Janeiro para distribuição. Infelizmente, as etiquetas que identificavam as mudas perderam-se, de sorte que quando mais tarde foram selecionadas as melhores qualidades para reprodução em maior escala, a que foi achada mais própria para o nosso solo e clima foi por um negro denominada de "Cana-pau", de vez que ignorava-se o seu verdadeiro nome e o científico. Desde então a cana-pau ganhou as preferências dos plantadores de Gaspar para baixo, pois, o seu rendimento e resistência às doenças é muito maior que as demais espécies."

Pelo tratado nessa mesma reunião, sabemos que, anteriormente a 1890, já aqui se fabricava vinho de abacaxi. Isso se verificava na adega que o sr. Richard Hinsch instalara em sua propriedade de Salto Weissbach.



# “DIÁRIO SECRETO DO PENSAMENTO”

(PARA A SEGUNDA EDIÇÃO)

OLIVEIRA E SILVA

Blumenau, 25 de setembro de 1966

1. — Um “Diário” corresponde à sucessão de estados de espírito, diferentes ou estranhos, a emoções, visões e sensações que nos acometem, a zonas de luz e sombra que se revezam dentro de nós. Se, às vezes, parece superficial no registro de fatos ou gestos, é que o autor, mesmo dispondo de grandeza, amanhece ou anoitece, superficial.

Daí sua fragmentação dentro da unidade de pensamento e sentimento. Monólogo às vezes terno, monótono, colorido, violento ou crispado, espelha, bem ou mal, o nosso abismo interior.

Em carta, o escritor Ferreira de Castro magistralmente o define: “Um «diário» é como uma lâmpada descendo, ocultamente, numa cisterna, a revelar o que ela contém”.

Blumenau, 26 de setembro.

2. — Depois de ausência longa, em tantos caminhos do mundo, encontro o tempo perdido, uma espécie de rosto tenso, ansioso de falar.

A fisionomia de muitas casas transformou-se, inclusive aquela em que moramos na Alameda Rio Branco, 36, quase irreconhecível, onde já não posso ouvir mais os gritos, as vozes, as risadas felizes das crianças do meu sangue.

Prédios de arquitetura moderna contrastando com antigas construções coloniais. Na sua colina, três sinos no pórtico alto, a Igreja Matriz, de poucas imagens, ostenta um pequeno Crucificado, no altar-mór, abaixo de uma grande rosácea.

Pergunto por vários amigos e camaradas. Respondem que estão mortos. Outros defronto, envelhecidos, esvaziados, custando a raciocinar e sorrir. Existirão ou apenas viverão? Senhoras conhecidas que, por muitos anos, se alouravam ou acastanhavam, entregam-se, agora, à melancolia dos cabelos brancos.

Margeando a cidade, o rio Itajaí Açu parece o mesmo: largo, espelhante, profundo. Refletirá ou ocultará outro céu, na sua imobilidade aparente?

Os fantasmas do passado, pelas ruas, espiam-me, perseguem-me, tentando sorrir-me, conversar comigo. Como, porém, reconhecê-los, iniciando um diálogo?

Blumenau, 27 de setembro

3. — Por toda a parte, as cabeças louras, de ascendência germânica, repressentam, agora, a minoria. A raça enérgica dos imigrantes, pouco a pouco, é absorvida pela que se estrutura em nosso país. Observo tipos sólidos, morenos, de rosto sanguíneo, meninos e adultos, o que é esplêndido

para a eugenia. A rude, saborosa língua portugueza vence o áspero idioma antigo dos bravos pioneiros e colonizadores.

Blumenau, 28 de setembro

4. — Procuvo, na rua das Palmeiras, o velho Teatro Frohsinn. Demoliram-no, informam-me, erguendo-se outro, como dádiva do antigo prefeito Curt Hering, na artéria principal, em homenagem à glória de Carlos Gomes.

Insensivelmente, paro no local do velho Teatro onde, numa noite agitada de fevereiro de 1934, levanta-se o protesto da cidade contra o decreto de desmembramento de Blumenau em cinco municípios. Como um dos oradores, surpreendera-me a vibração explosiva do auditório. É o poder da palavra, na função de construir ou destruir.

Alguém teria conservado alguma faísca do verbo revolucionário do advogado provinciano? Poucos amigos e camaradas, talvez. Mas, decerto, estão mortos. Os que ainda circulam, não guardam lembrança.

Identificarei aquela voz de juventude, dentro de mim? Não. Tantos anos rolaram, de pelejas e tormentas, que, se porventura, ressoasse, de novo, a voz se tornaria irreconhecível.

Blumenau, 30 de setembro

5. — Grande surpresa: na calçada do nosso hotel, a figura encaçada do dr. Ricardo Gottsmann, cirurgião que me operara, nos verdes anos, com urgência, que a morte me rondava.

Está octogenário e lúcido. Por faceirice, pede-me para não falar no abismo do tempo entre aquêlo ato de salvação e o dia de hoje. Comovido, peço-lhe licença para abraçá-lo.

Depois, uma palavra sua, de grande pitoresco. Um dia, da intervenção, sinto sêde terrível. Minha mulher o consulta se posso beber um pouco d'água. Ele repele o pedido, com veemência:

— Água? Água é para as vacas. Dê-lhe vinho!

Blumenau, 4 de outubro

6. —

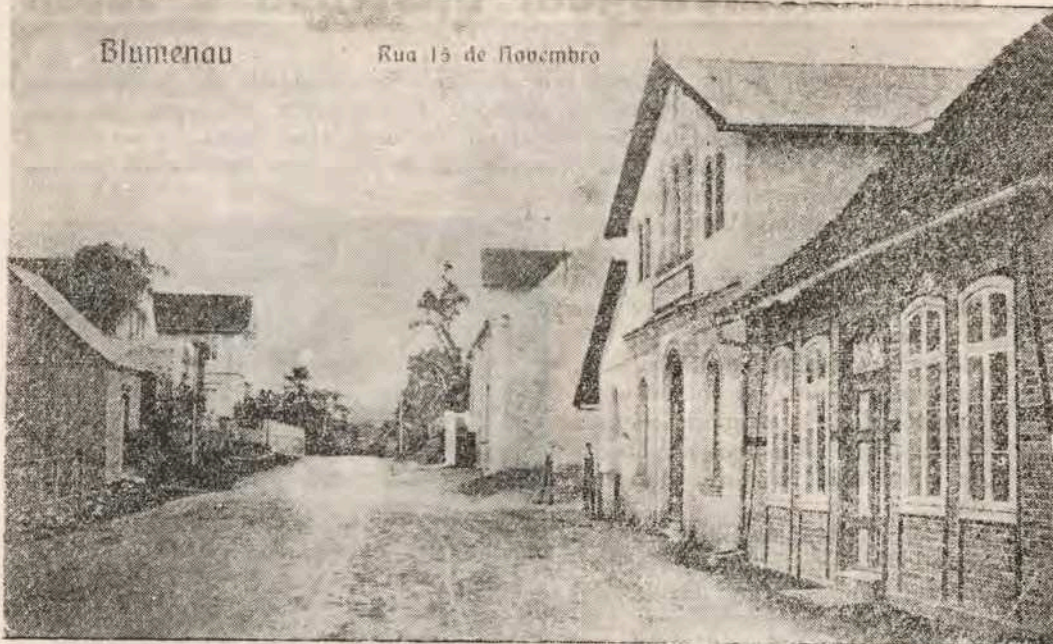
Tateio, nas ruas,  
Os dias extintos.  
Azuis e cinzentos.  
Poderei, acaso,  
De leve, tocá-los,  
Por alguns momentos?

Será que se escondem  
Naquele letreiro  
Que resiste ao tempo?  
Ou numa sacada  
Onde se debruçam  
Crianças alegres,  
De fresca risada?

Talvez tenham mêdo  
De espiar-me nos olhos,  
De que lhes sorria  
Ou lhes cerre os punhos.

Deslizando, o rio  
Espelha a cidade,  
Sem um arrepiou.

As águas devem ser outras,  
Carregaram o meu rosto  
Jovem para a eternidade.



*Uma vista da rua 15 de Novembro, nos começos do século. Trata-se do trecho entre a entrada da Ponte Dr. Adolfo Konder e o Edifício em que está instalado o I. A. P. I., atualmente. O prédio de enchaimel, à esquerda e o seguinte de dois andares, pertenciam à firma Luiz Altemburg. No local, está atualmente a Casa Moellmann S/A. A casa seguinte, com escadaria fronteira, era o negócio dos Irmãos Rabe. À direita, o primeiro prédio era um depósito de cal da firma Altemburg, o segundo, a residência de Fides Deeke, há pouco demolida e a seguinte, de dois andares era a residência do Sr. Ninstedt. Entre esta e a anterior fica atualmente o Teatro "Carlos Gomes". Quem viu esse trecho há uns 60 anos atrás e o vê hoje . . .*

---

**O**s estatutos da Companhia de Navegação Fluvial a vapor Itajaí-Blumenau, Sociedade Anônima, foram aprovados pelo Decreto Federal 6.989, de 10 de Agosto de 1878. A Sociedade fôra formada com o capital de 300 contos de réis, subdivididos em ações de 100 mil réis. Os seus primeiros diretores eleitos foram Carlos Guilherme Friedenreich, Hermann Wendenburg, Luiz Sachtleben, João H. Grewsmuehl e Carlos Meyer.

# Uma Homenagem Oportuna e Justa

Sempre que se nos tem oferecido oportunidade de homenagear, nas páginas destes "Cadernos", a memória de pessoas e entidades que, pela sua atuação na vida econômica, social ou cultural têm prestado serviços à Comunidade, têmo-lo feito com prazer e até mesmo com entusiasmo porque certos de estarmos cumprindo um dos pontos principais no nosso programa.

Dentro dêsse ponto de vista, descumpriríamos um dever de equidade e de justiça se não abrissemos espaço, nesta edição, para prestarmos um comovente e sincero preito à memória de uma criatura que foi, para a pobreza de Blumenau, um anjo de caridade.

Para os filhos e o operariado da Prefeitura, principalmente, Dona Namy Deeke foi uma verdadeira providência. Durante tôda a administração de seu espôso, o prefeito Hercílio Deeke, Dona Namy foi-lhe, no campo da assistência social, o complemento simpático e atuante. Pessoa alguma, verdadeiramente necessitada, jamais recorreu à generosidade da então primeira dama do município, que não tivesse sido acolhida com carinho e atendida na medida do possível.

Ao aproximarem-se as festas natalinas, Dona Namy entregava-se à intensa faina no propósito de proporcionar aos milhares de criancinhas' filhas dos operários e funcionários da municipalidade, um Natal mais feliz, com a distribuição de doces e brinquedos e, sobretudo, com festas de confraternização, de amizade e simpatia, durante as quais Dona Namy dava vazão aos sentimentos de altruísmo e de caridade de que transbordava o seu grande e generoso coração.

Os velhinhos internados no Asilo do Bairro da Escola Agrícola, não tiveram menor atenção e menos carinho do que o operariado da Prefeitura por parte da excelente senhora. A êles dedicava grande parte das suas atividades beneficentes, não só conseguindo-lhes donativos e roupas e utilidades nas firmas locais, como fazendo-lhes, ela mesma, peças de vestuário e de cama. Foi para êles uma benfeitora no verdadeiro sentido da palavra.

Namy Deeke nasceu no dia 22 de dezembro de 1915, em Blumenau. Estado de Santa Catarina, sendo a segunda das três filhas do pri-



meiro matrimônio do Sr. Roberto Grossenbacher, com a Sra. Maria Idalina, nata Buechele, falecida em 1918.

A 18 de fevereiro de 1936, casou-se com o Sr. Hercílio Artur Oscar Deeke, incansável batalhador pela causa do progresso blumenauense. Dois filhos vieram enriquecer o lar: Niels, nascido em 1937, e Vera, nascida em 1942. Deixou dois netos: Hercy Deeke Buch e Diana Deeke.

Faleceu no dia 28 de julho de 1966, em consequência de acidente de automóvel na BR-101, nas imediações da cidade de Joinville, quando em companhia de sua filha, viajava, de manhã, com destino a Curitiba. Internada em um dos hospitais de Joinville, com ferimentos não considerados de extrema gravidade, ocorreu o desenlace pelas 19,30 horas, motivado por embolia. O seu corpo foi trasladado para Blumenau e dado à sepultura às 17,50 horas do dia seguinte — 29 de julho, no Cemitério Evangélico de Blumenau, com enorme acompanhamento. Operários da Prefeitura, numa tocante homenagem àquela que fôra grande protetora de seus filhos, fizeram questão de transportar, desde a entrada do cemitério até o jazigo da família, o corpo da extinta. Outra manifestação espontânea e expressiva prestada à falecida foi a que lhe dedicou a Banda de Música do 1º/23º Regimento de Infantaria, comparecendo ao entêrro e executando algumas peças fúnebres durante as exéquias, fato inédito e que profundamente comoveu os presentes.

Namy Deeke, conquistou Blumenau pela maneira brilhante, desembaraçada, charme cativante e requinte com que desempenhou as obrigações da vida social, decorrentes das funções de seu marido em altos cargos da vida profissional e pública, tanto na sociedade local como em contato com a alta sociedade dos grandes centros do país, e, de modo especial, pela sua atuação no setor assistencial, no qual dedicou grande parte do seu tempo e no qual mais desenvolvia os ricos dons de sua personalidade.

Numa justa homenagem à sua memória, a Câmara Municipal deu o nome de Namy Deeke a uma das principais ruas da cidade.

Rendendo á memória da ilustre extinta um respeitoso e sentido tributo de admiração e respeito, "Blumenau em Cadernos" eleva preces pelo seu eterno descanso.

## — BLUMENAU EM CADERNOS —

*Fundação e direção de J. Ferreira da Silva*

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinaturas: por Tomo (12 números) Cr.\$ 2,000 —

Redação e Administração: Alamêda Duque de Caxias, 64

**Caixa Postal, 425 — BLUMENAU — Santa Catarina - Brasil**

# RIO ITAJAÍ

*Esther Laus Bayer*

E . . . foi em manhã de uma beleza imensa  
que eu quiz talar contigo, Itajaí,  
para dizer-te o que minh'alma pensa  
a teu respeito, o que penso de ti.

Mas tuas águas me fitaram, mansas,  
falando da paz que as acompanhava . . .  
e o sol, doirando, pintou nuanças tantas  
que eu fiquei muda . . . ao tempo que te olhava.

Oh! pus-me, então, a namorar-te, meu rio!  
e criei pra ti meu canto de poetisa;  
cobri meus versos de sentir macio . . .  
fiz-te carícias com as mãos da brisa.

Gaiotas leves voavam prazenteiras  
no longe do azul que é bem mais azul . . .  
e enquanto as aves valsavam ligeiras  
tua eterna magia tornou-se taful.

Às tuas margens salgueiros em festões  
segredam-me histórias encantadas . . .  
lembram Lin Yutang, seus cantos e ilusões . . .  
pessegueiros em flor pelas estradas.

Encachoeirado vejo-te em Indaial  
— zangado . . . ah! como tu ficas lindo! —  
e em Blumenau tu és um festival  
que faz a gente te adorar sorrindo.

Em Brusque teu passeio é sonhador!  
entre os belos bambuais perto da ponte . . .  
e quando tu viajas para Itajaí  
vens a olhar para um novo horizonte.

Aqui as palmeiras saúdam-te à passagem,  
abanando-te, lá de Navegantes . . .  
barcos faceiros espelham sua imagem  
no lado que o sol guarda seus brilhantes.

E . . . agora tu vais embora pro mar  
colher tuas rendas, lá fora, na praia!  
nem dizes adeus . . . não queres me olhar . . .  
e o meu devaneio por isso . . . desmaia.

Meu simples poema, ó belo Itajaí!  
Não sabe cantar teus ricos valôres . . .  
pede-te perdão . . . despede-se de ti . . .  
jogando em teu seio braçadas de flôres.

Itajaí, 25/10/66

# HÁ 60 ANOS ATRÁS

---

É sempre interessante reviver o passado. Que teria acontecido em Blumenau em 1906? Há 60 anos atrás?

Vamos dar uma vista dolhos aos jornais daquele tempo. Havia aqui dois semanários: o "Blumenauer-Zeitung" e o "Der Urwaldsbote", dois valentes propugnadores, em campos opostos, pelo progresso e engrandecimento da nossa Comuna. Respiguemos dêles alguma coisa interessante que aqui tenha sucedido naquele ano:

Em janeiro, êsses jornais ocupavam-se longamente com o caso sucedido em Itajaí com o navio de guerra alemão "Panther". Ancorando no pôrto de Itajaí, êsse navio ali permaneceu alguns dias, dando ensejo a que a oficialidade e os marujos fizessem uma visita a Blumenau, onde foram bem recebidos e festejados. Aconteceu que, em Itajaí, oficiais e marinheiros do citado navio invadiram uma casa particular, ali prendendo um brasileiro de origem alemã. O caso assumiu extrema gravidade chegando a mesmo gerar um protesto das nossas autoridades ao govêrno alemão. O comandante do "Panther" era o Conde Saurma-Jeltsch que teve que passar por grandes preocupações e aborrecimentos até que o caso fôsse satisfatôriamente resolvido, com satisfações por parte do govêrno alemão.

Nesse mêz aparecia o n.º 5 do jornalzinho crítico "Quebra-nozes", que mexia com todo mundo, provocando o riso de alguns e a raiva de muitos.

Em Indaial, a 5 de janeiro, falecia o farmacêutico Augusto Keunecke, com 70 anos de idade. Fôra também o primeiro agente do Correio e um dos homens que mais pugnara pelo progresso do então distrito. Deixara espôsa e 17 filhos. Fôra um dos mais prestativos blumenauenses e tronco de uma familia de que ainda ali existem muitos descendentes. Em substituição de Keunecke, foi nomeado agente do Correio o sr. Carlos Gruner, que, depois, tornou-se sogro do poeta Octaviano Ramos.

No fim do mêz, o "Blumenauer-Zeitung" aparecia tarjado de prêto, luto pelos desaparecidos na catástrofe do "Aquidaban" que submergira na baía de Jacuacanga, depois de horrorosa explosão de suas caldeiras. O fato repercutiu dolorosamente na cidade. Houve officios religiosos e o pastor Faulhaber pronunciou um sermão que impressionou profundamente a quantos o escutaram.

Pelo fim do mêz, passam por Blumenau, 50 soldados do Exêrcito que se dirigiam a Curitiba, onde fervia a questão de limites com o Paraná. Mal, porém, aqui haviam chegado, a tropa acima regressou a Joinville para dali empreender a viagem ao seu destino.

Chegavam, ainda no fim de janeiro, as peças de ferro destinadas à montagem da estrutura da ponte sôbre o Ribeirão Garcia. (Atual ponte "Desembargador Pedro Silva".)

Em fevereiro, os bugres assaltaram uma tropa de mulas que descia da serra, carregada de gêneros para venda em Blumenau. O assalto se deu em Pouso Redondo.

Nesse mêz faleceram: Carlos Jansen Jr. que fôra comandante do

vapor "Progresso" e a espôsa de Hermann Hering, dona Minna Hering.

Hermann Ruediger Sênior e seu filho Oscar formam a firma H. Ruediger & Cia. em substituição a Hermann Ruediger & Filhos, com comércio de gêneros e ourivesaria na casa que foi demolida há pouco tempo para dar lugar à construção do Edifício Impala, à esquina da rua Dr. Amadeu da Luz.

Jacob Metzger e espôsa festejam as suas bodas de prata.

Em março, os blumenauenses viram, pela primeira vez, a luz elétrica. A Empresa Cinematográfica STAR realiza, no salão Holetz, há pouco inaugurado, a sua primeira sessão com a projeção dos filmes: «Der Koffer aus Darmen», «O armário misterioso», «A Colmeia maravilhosa», «A honra de um pai» e um episódio das Minas de Carvão. O salão foi iluminado a eletricidade, coisa que ainda não se vira em nossa cidade.

De Indaial o escrivão Frederico Müller comunicava a mudança de seu cartório para a casa da Senhora Kretschmar.

O pastor Faulhaber, em virtude de seu próximo regresso para a Alemanha, anunciava a venda de seus móveis, livros, um piano e o seu carro de-molas e respectivos cavalos.

Carlos Rothbart havia regressado da Europa e oferecia à venda muitas mercadorias que trouxera.

Em Arapongas fôra derrubado, para a ponte em construção no Rio dos Cedros, um araribá de nada menos que 103 palmos de altura de madeira aproveitável. O primeiro dos seus galhos media 45 palmos. Um gigante das nossas primitivas florestas.

O sr. Luiz Abry monta um escritório de despachos no pôrto de Itajaí, especialmente destinado ao desembarço do material destinado à construção da Estrada de Ferro Blumenau-Hamonia, já então em cogitações.

Comentando uma conferência realizada pelo Cap. Teófilo Nolasco de Almeida, no Centro Catarinense, de que era presidente, no Rio) o "Blumenauer-Zeitung" adianta que o citado oficial aconselhava a mudança da Escola Militar do Realengo para Blumenau.

O sr. Frederico G. Busch (pai) aguardava a chegada, da Alemanha, de máquinas destinadas à fabricação de palitos e caixinhas para a sua Fábrica de Fósforos. Até então êsses palitos e caixinhas eram importados da Europa, o que encarecia muito o produto, devido ao alto imposto alfandegário a que a madeira estava sujeita. Comprava-se o produto estrangeiro 50% menos que o nacional.

Na primeira sessão do júri, realizada em março, entra em julgamento o réu Quintino Fortunato que matara um negro que apanhara roubando em sua propriedade. O réu foi absolvido.

Adolfo, o filho mais velho da família Rischbieter, com 25 anos, é vítima de uma queda do cavalo que montava, vindo a falecer em consequência. Seu entêrro foi concorridíssimo.

Houve grande enchente, principalmente no Rio do Têsto, tendo as águas causado sérios prejuízos aos colonos e suas plantações.

Em abril, os índios coroados atacaram os ranchos de José Leite, zelador de linhas telegráficas, 5 quilômetros acima de Rio do Sul. Os bugres



mataram dois animais e feriram no braço um companheiro de José Leite.

Nesse mês faleceu Paulo Schwartz, um dos homens mais prestimosos da comunidade. Schwartz viera pequeno da Alemanha e, em sociedade com o Sr. Rolacher montara uma litografia em Destêro (hoje Florianópolis). (Nessa litografia foram impressas interessantes vistas da capital da Província, que hoje são raridades muito procuradas). Como o negócio, por falta de condições, não prosperou, Schwartz mudou-se para Brusque, onde montou casa de negócio. Nos começos da década de 80 foi nomeado juiz-comissário de terras em Blumenau, para onde transferiu residência. Foi vereador e vice-presidente da Câmara. Exerceu a advocacia e vários outros cargos públicos. Teve papel saliente nos acontecimentos relacionados com a revolução de 1893.

Os jornais chamavam a atenção da população para o perigo de assaltos de bugres tanto no litoral como serra acima. Caçadores haviam descoberto picadas frescas abertas na mata e que se dirigiam para as cabeceiras dos ribeirões Encano e Garcia.

O govêrno decretara uma verba de 40 contos para melhoramento da Estrada de Blumenau para Curitibanos.

A 24 de abril, o Professor Alfahrt, do Alto Garcia, festejava o 25º aniversário de magistério. Os diretores da Comunidade Escolar, os pais dos alunos e a quase totalidade da população compareceu ao local para saudar o jubulado. O Pastor Faulhaber, em nome da Comunidade Evangélica saudou o homenageado, elogiando a sua obra de mestre e de educador. Houve comidas e bebidas em homenagem ao dedicado professor.

Crianças indígenas, que haviam sido apanhadas em uma batida contra acampamento de bugres e que haviam sido distribuídas a diversas famílias para que as educassem, já haviam morrido três delas e outras achavam-se em tal estado de saúde que era de se prever que não viveriam muito.

Foi inaugurada a linha telefônica para Hansa Hamônia.

Em maio o cônsul geral da Alemanha em nosso Estado, Von Wagenheim, esteve em visita, por vários dias, a Blumenau.

Viajou para a Europa, onde foi submeter-se a uma intervenção cirúrgica, o escrivão de paz Fernando Kinder. Substituiu-o no impedimento o sr. Ricardo Parucker.

O professor Alvin Laemel, de Pommerstrasse, festeja o 25º aniversário de Magistério.

Leopoldo Hoeschel contrata pela quantia de 60 contos, com o Govêrno do Estado, a abertura da estrada de Indaial a Rio Prêto.

A senhora Matilde Abry, mãe do deputado Luiz Abry, falece na Alemanha, aos 73 anos de idade.

A 2 de junho chega a Blumenau, em visita, o governador Pereira e Oliveira, acompanhado de luzida comitiva.

O governador vinha inaugurar, a convite das autoridades municipais, a ponte de ferro sôbre o Ribeirão Garcia. O programa desenvolvido foi o seguinte: "2 de junho: Recepção de S. Excia. pelas associações e povo, indo até Gaspar o vapor «Progresso», levando a seu bordo uma Comissão, a fim de acompanhar o vapor «Blumenau» até êste pôrto. Logo que S. Excia. desembarcar, bem como sua comitiva, formar-se-á um préstito, precedido de duas båndas musicais, que conduzirá S. Excia. até o Grande Hotel Holetz, onde será hospedado com sua comitiva. A' noite haverá iluminação pública para o que, desde já, pede-se o auxílio dos habitantes da sede da cidade, a fim de que iluminem a frente de suas casas. 3 de Junho; Inauguração da Ponte sôbre o Ribeirão Garcia, às 3 horas da tarde. A's 6 horas terá lugar grande banquete na Casa dos Atiradores, oferecido à S. Excia. e sua comitiva, ao qual comparecerão os cavalheiros e exmas. senhoras para isso convidados. 4 de junho: Haverá, à noite, no Teatro Frohsinn, concêrto vocal e instrumental, ginástica, dança de crianças e outras diversões, que serão publicadas em programa especial. Para êsses divertimentos haverá cartões de ingresso. Realizar-se-ão bailes públicos na mesma noite. Dia 5: S. Excia. e sua comitiva assistirão a festa dos Atiradores e ao baile que a mesma sociedade realizará."

No dia 2 de junho, o "Blumenauer-Zeitung" aparece todo enfeitado de vinhetas, com grande artigo cercado, em homenagem à inauguração da Ponte sôbre o Ribeirão Garcia, contando a sua história: essa história é mais ou menos a seguinte: A idéia de substituir-se a antiga ponte sôbre o Ribeirão Garcia, de madeira, por outra de ferro, partiu do superintendente Dr. José Bonifácio da Cunha que, comunicando-a ao governador Felipe Schmidt, teve dêste todo apoio. Dada ordem pelo governador para início dos trabalhos em meados de março de 1900. Em dezembro, entretanto, os trabalhos foram paralizados. Em setembro de 1901 estava terminado o pilar de pedras da margem esquerda do Garcia, ficando depois os trabalhos paralizados até 1903. De comêço de maio de 1906 em diante os trabalhos continuaram ininterruptamente. A construção durou, ao todo, 74 meses, mas os trabalhos mesmo não tiveram mais de 39 meses de duração. A ponte inaugurada tinha as seguintes características: Vão: 29 metros, largura da estrutura de ferro: 9 metros; largura dos passeios para pedestres: 1,30 metros; altura da ponte sôbre o nível normal das águas: 12,80m. Comprimento médio dos muros de arrimo: 15m. Peso da estrutura de ferro: 65 toneladas. Foram empregados na sua construção 1950 metros cúbicos

cos de pedras; 2.400 sacos de cal, 220 barricas de cimento, de 180 quilos cada. O fundamento assentava sôbre estacas de 7 a 8 metros de comprimento e de 35 centímetros de diâmetro; gastou-se mais 980 metros de madeira e 44 dúzias de pranchões. Para os fundamentos foram removidos 2.500 m<sup>3</sup> de terra e para as cabeceiras foram trazidos do Morro do Aipim 12.400m<sup>3</sup> de terra. A direção dos trabalhos de construção estiveram a cargo do engenheiro Henrique Krohberger. A comitiva do governador compunha-se dos senhores Dr. Antero de Assis, Tiago da Fonseca, Lebon Regis, Aristides Mello, Germano Wendhausen, Joaquim Costa, Santos Lostada, José Vilela, Ernesto Meyer, Pedro Demoro, José Carvalho, Barroso Pereira, Germano Rocha, Januário Cortes, F. Riedel, G. Husadel, Demóstenes Veiga, Alberto Moellmann e Estevam Cunha, acompanhados das espôsas e de alguns filhos. As festas realizadas de acôrdo com o programa transcorreram brilhantíssimas e marcaram época.

Combatendo a indústria de fósforos, instalada nesta cidade pelo sr. Frederico G. Busch Sênior, o trust do fósforo baixou o preço do seu produto para 8 e 10\$000 a lata (de 100 pacotes), isso, possivelmente, sô para Santa Catarina. Segundo o «Novidades», de Itajaí, o trust havia lançado no mercado de Itajaí, Blumenau e Brusque mais de 300 latas mensais. E o "Blumenauer-Zeitung", comentando essa notícia terminava: "No ano de 1905, o trust teve um lucro líquido de 471:976\$000 (Cr\$ 471.976) ou cêrca de 47% de seu capital. Esse lucro medonho é arrancado, de vintém em vintém, da bôlsa do povo. Para isso temos uma indústria nacional de fósforos cujo produto custa 66% mais do que anteriormente pagávamos pelo fósforo estrangeiro. E viva o desenvolvimento industrial!

Nos jornais de junho, de 1906, por ocasião da visita do governador Pereira de Oliveira a Blumenau, que veio inaugurar a ponte de ferro sôbre o Ribeirão Garcia, o professor Rudolfo Damm, poeta e filólogo que nos legou vários e interessantes trabalhos, publica, nos jornais locais, algumas traduções de poetas catarinenses. Damm era tradutor exímio e consciencioso. Compare-se, por exemplo, a tradução do soneto "O caminho da glória", de Cruz e Souza, com o original:

Este caminho é côr-de-rosa e é de ouro,  
estranhos roseirais nêle florescem,  
folhas augustas, nobres reverdescem  
de acanto, mirto e sempiterno louro.

Neste caminho encontra-se o tesouro  
Pelo qual tantas almas estremecem;  
é por aqui que tantas almas descem  
ao divino e fremente sorvedouro.

É por aqui que passam meditando,  
que cruzam, descem, trêmulos, sonhando,  
neste celeste, límpido caminho

os seres virginais que vêm da Terra,  
ensangüentados da tremenda guerra,  
embebedados do sinistro vinho.

A tradução :

Wie bunt ist diese Bahn, bestreut mil Golde,  
An deren Rande Rosen blueh'n  
Und in arhab'nen Blaetterschmuckes Gruen  
Lerber, Akanth und Myerte auch, die holde !

Auf diesem Weg ist jener Schatz zu finden.  
Nach dem sich sehnend manhes Herz verzehrt,  
Und mancher hat den Weg zu geh'n begehrt,  
Um in des Abgrunde Tiefe zu verschwinden.

Auf diesem hellen, himmlisch klaren Pfade  
Erstreben zitternd sie ein fern Gestade,  
In träumender Gedanken Spiel versunken.

Die reinen Wesen, die, bedekt mil Wunden,  
Nach heissen Kampf der Erde sich entwunden,  
Von suessen Gift des Unheilsweines trunken.

Como se vê, uma tradução magistral. Na mesma página, figuram traduções de outros versos de Cruz e Souza, de Luiz Delfino e de Araújo Figueiredo. Mais uma vez, Damm se afirma como um grande amigo da cultura brasileira.

Dimitri Heuer abre uma aula particular na residência de Hermann Ruediger, na entrada da estrada da Velha. Mensalidade a ser paga pelos alunos: uma criança, 1\$500, duas 2\$500, três 3\$000.

A festa dos Atiradores que, nesse ano, teve a presença do Governador Pereira de Oliveira, decorreu com grandes solenidades e alegria. Sagrou-se rei do tiro o sr. Ricardo Beims, que já fôra no ano anterior. 1º e 2º cavalheiros foram os srs. Rudolfo Clasen e Otto Wehmuth.

Depois de permanecer nesta cidade durante três dias, o governador Pereira de Oliveira visita Hamônia e outras regiões da Colônia.

Uma grande *nuvem* de gafanhotos sobrevoa a povoação de Warnow, dirigindo-se para o norte. A extensão da *nuvem* foi calculada em cêrca de 6 quilômetros e a sua passagem durou mais de hora e meia. Êsse enorme enxame dos vorazes insetos desceu depois para Encano, onde se dividiu em dois, tendo uma ala seguido para o Norte e outra para o Sul. Onde quer que os gafanhotos pousavam era grande o dano que praticavam. Aconteceu que, em Encano, um colono que andava na roça enxotando os indesejáveis insetos e ia de charuto na boca, teve êsse charuto atirado longe por um gafanhoto que contra êle voara em grande velocidade. O colono, depois, contava na venda próxima: "os bichinhos são tão esfaimados, que chegaram a comer o charuto que eu tinha acêso na bôca" . . .

A família Omacht promove grande concêrto instrumental, no qual são executados trechos de grandes compositores nacionais e estrangeiros. O grupo compunha-se de 2 violinos, duas cítaras. O menor Gao Omacht, de 9 anos, era o solista de violino. O concêrto alcançou grande sucesso.

Novas nuvens de gafanhotos caem sôbre as imediações de Blumenau, destruindo plantações inteiras. Raios de cinco a seis quilômetros ficavam cobertos dos daninhos insetos que se amontoavam em espessura de, às vêzes, 5 e 6 polegadas.

Em meados de julho, deixou Blumenau o pastor Faulhaber que, durante 17 anos, dirigiu os destinos espirituais da comunidade evangélica de Blumenau. Foi um homen muito prestativo e um verdadeiro patriota. Dedicado à juventude, incentivou o desenvolvimento da Escola Nova, tendo publicado uma «História do Brasil» para crianças de lingua alemã. Traduziu, igualmente, o livro de Afonso Celso: «Porque me ufano do meu paíz», para o alemão. Faulhaber fôra transferido para uma paróquia protestante próxima de Berlim, em Templin. Era genro de Hermann Baumgarten. Foi também o fundador do jornal «Der Urwaldsbote» que, durante muitos anos, foi publicado nesta cidade. Seu atastamento foi muito sentido.

Em fins de julho, realizou-se a eleição para governador e vice-governador do Estado, tendo sido sufragados os nomes de Gustavo Richard e Abdon Batista.

A 21 de julho, aqui chegaram em visita o nuncio após-

tólico no Brasil, Monsenhor Júlio Tonti, arcebispo titular de Ancira e o bispo de Curitiba, Dom Duarte Leopoldo e Silva. Os ilustres prelados visitaram também Rodeio, dirigindo-se a 25 para Florianópolis.

Com 81 anos de idade, falece o veterano blumenauense Vitor Sandner que aqui imigrara por volta de 1860.

Havia falta de selos para as garrafas de cerveja. Em vez de selá-las com as cintas fiscais de 40 réis, tinham os fabricantes que colar nos gargalos de cada garrafa nada menos de oito selos de 5 réis, o que lhes dava assim um aspecto de mutilado de guerra, cobertos de esparadrapo . . .

Aparecera o livrinho do padre Giacomo Vicenzi, natural de Rio dos Cedros, «Uma viagem a Sta. Catarina em 1902».

Os bugres reaparecem em Pouso Redondo, assustando os viajantes e matando um cavalo do sr. Augusto Peters.

O pastor Langbein, substitui o pastor Roedel na direção da Comunidade Evangélica de Itoupava.

Falece, na Alemanha, o Professor Carlos Juerges que, por vários anos, lecionou na Escola Nova de Blumenau. Esse professor, durante a sua permanência em Blumenau, escreveu um livro de História Natural «Bilder aus Natur Leben» que, na época da sua publicação, foi alvo de muitas críticas, tendo os jornais aparecido com artigos pró e contra.

O «Blumenauer-Zeitung» noticia que em Sellin, na Colônia Hansa (hoje Ibirama) um colono encontrara uma moeda romana. Segundo o citado jornal, provávelmente a moeda fôra perdida por algum imigrante, pois era inconcebível que os romanos tivessem chegado até aquela colônia alemã.

Com a retirada do pastor Faulhaber para a Europa, assume o cargo de dirigente da Comunidade evangélica de Blumenau o Pastor Mummelthey.

Começava a campanha, que já se refletia nos jornais, pela renovação do govêrno Municipal, sendo o sr. Alvin Schraeder, Superintendente, candidato à reeleição. O «Blumenauer-Zeitung» era o porta-vóz da oposição a êsse administrador, enquanto o «Der Urwaldsbote» batia-se pela reeleição do governador do Município

No próximo número de «Blumenau em Cadernos» continuaremos o nosso passeio por Blumenau de 60 anos atrás.

# **Companhia Comercial**

---

# **SCHRADER**

---

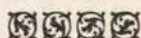
RUA 15 DE NOVEMBRO, 117

CAIXA POSTAL, 4 — End. Telegráfico: «CIASCHRADER»

**BLUMENAU - SANTA CATARINA**



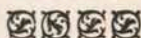
**107 Anos de tradição no Comércio de Sta. Catarina**



**MOBILOIL**

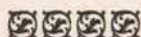
**MERCEDES-BENZ**

**DUNLOP**



**Nova e moderna Oficina Mecânica e Secção de**

**Peças «MERCEDES-BENZ» — Rua Itajaí, 625**



**GRUPO «BOA VISTA DE SEGUROS»**

**SANTA CRUZ — Cia. de Seguros Gerais**

INDÚSTRIA TÊXTIL

# Companhia Hering

---

---

**BLUMENAU** - SANTA CATARINA - BRASIL  
RUA HERMANN HERING, 1790 — CAIXA POSTAL N° 2  
TELEGR.: «TRICOT»

---

---



**Fábrica de**  
**ARTEFATOS DE MALHAS**

---

---

**FUNDADA EM 1880**

---

---

CONTRIBUINDO PARA A  
GRANDEZA DO BRASIL  
EM SEU COMÉRCIO  
E INDÚSTRIA